



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Reabilitação, Reconversão e Ampliação do Palacete Rosa Pena em Espinho

Um espaço para pequenas empresas

Cláudia Raquel da Silva Domingues

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Humberto Canastra Marum

Covilhã, outubro de 2017

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais por me terem dado as bases educativas, por me ensinaram a lutar pelos meus sonhos de forma destemida, pela motivação dada ao longo destes anos e por estarem sempre presentes em todas as etapas da minha vida.

Ao meu irmão, que com o seu ar juvenil, está sempre pronto a roubar risos e gargalhas.

Ao Diogo, por todo o apoio, paciência, e ajuda a ultrapassar todos os obstáculos que se iam atravessando pela frente, mas principalmente por ser o meu companheiro de todas as horas.

Aos amigos que proporcionaram os melhores momentos da vida académica e que estiveram sempre disponíveis para ajudar no que fosse preciso.

Agradeço à tuna, por ser o meu escape, a companhia das horas vagas, por me ter obrigado a ganhar o sentido de responsabilidade. E principalmente agradeço pelas aventuras vividas a percorrer Portugal e arredores e pelos momentos que partilhamos nestes anos.

Por fim agradeço ao Professor Doutor Arquiteto Jorge Marum, pela ajuda, pelo esforço, e por toda a disponibilidade na realização a minha dissertação.

Resumo

O regresso dos portugueses emigrados no Brasil, trouxe consigo um novo estilo arquitetónico com particularidades intrínsecas muito próprias. O poder, ostentação e as raízes do edificado no Brasil, foram o mote para a Arquitetura Colonial do Brasil.

Nos dias que correm, edifícios sumptuosos dissimulam-se nos centros urbanos. O valor patrimonial e histórico destas construções, desperta o interesse na preservação de um trecho da História de Portugal. Assim, esta investigação procura incutir nestes volumes, caracterizados pela degradação contínua que se assiste, novas funcionalidades e valências que sejam capazes de responder as necessidades do quotidiano.

Neste contexto, esta dissertação tem como principal objetivo, a reabilitação do Palacete Rosa Pena, na cidade de Espinho, confinado entre as ruas 19, 25, 26 e 28, concretamente, apresentando uma proposta de reabilitação e ampliação do Palacete e da sua área envolvente.

A proposta incide sobre um Palacete, atualmente, alvo de muitas críticas, quer pelo seu avançado estado de degradação, quer pela ocupação total de um quarteirão da cidade.

O Palacete Rosa Pena, envolvido no meio urbano, foi sendo rodeado por edifícios com características de equipamento de grande importância no desenvolvimento da cidade. Definido como um dos símbolos da cidade, pela sua história e magnificência, entendemos que o Palacete deve assumir-se elemento útil para a comunidade envolvente. Assim, entendemos necessário reverter o quarteirão com um programa com qualidades, funcionalidades e características, com o intuito de receber um público-alvo definido, num projeto que respeite as linhas orientadoras das preexistências e restabeleça este volume como uma peça importante no desenvolvimento e afirmação da cidade de Espinho.

O programa delineado para o projeto de reabilitação do Palacete Rosa Pena, surge no contexto da dificuldade de lançamento para o mercado de trabalho, de jovens empreendedores e novas empresas. A proposta pretende ser um veículo de promoção de novas ideias, convertendo o Palacete num espaço adaptado para uma plataforma Coworking e Incubadora de Empresas.

Os programas de Coworking e Incubadora de Empresas diferem no seu conteúdo, o que inviabiliza a integração dos dois programas no mesmo edifício. Para tal, foi desenhado um novo edifício, com uma linguagem contemporânea, que se instala no quarteirão, e respeita a identidade do edifício existente. Neste contexto a intervenção baseia-se nos princípios da reconstrução, reconversão e ampliação.

Palavras-chave

Reconstrução; Reconversão; Ampliação; Arquitetura Colonial; Palacete;

Abstract

The return of the Portuguese emigrants in Brazil, brought with it a new architectural style with intrinsic peculiarities of its own. The power, ostentation and the roots of the built in Brazil, were the motto for the Colonial Architecture of Brazil.

In the days that run, sumptuous buildings dissimulate themselves in the urban centers. The patrimonial and historical value of these constructions, arouses the interest in the preservation of an excerpt from the History of Portugal. Thus, this research seeks to instill in these volumes, characterized by the continuous degradation that is observed, new functionalities and valences that are able to respond to the necessities of daily life.

In this context, this dissertation has as main objective, the rehabilitation of the Palace Rosa Pena, in the city of Espinho, confined between the streets 19, 25, 26 and 28, concretely, presenting a proposal of rehabilitation and expansion of the Palacete and its surrounding area.

The proposal focuses on a Palacete, currently subject to much criticism, either for its advanced state of degradation or for the total occupation of one block of the city.

The Palacete Rosa Pena, involved in the urban environment, was surrounded by buildings with equipment characteristics of great importance in the development of the city. Defined as one of the symbols of the city, for its history and magnificence, we understand that the Palacete should become a useful element for the surrounding community. Thus, we believe it necessary to reconvert the block with a program with qualities, functionalities and characteristics, in order to receive a defined audience, in a project that respects the guidelines of the preexistences and restore this volume as an important piece in the development and affirmation of the city of Espinho.

The program outlined for the rehabilitation project of the Palacete Rosa Pena, arises in the context of the difficulty of launching into the labor market, young entrepreneurs and new companies. The proposal intends to be a vehicle for promoting new ideas, making the Palacete a space adapted for a platform Coworking and Business Incubator.

The Coworking and Business Incubator programs differ in their content, which makes it impossible to integrate the two programs in the same building. For this, a new building was designed, with a contemporary language, that installs itself in the block, and respects the identity of the existing building. In this context the intervention is based on the principles of reconstruction, reconversion and expansion.

Keywords

Reconstruction; Reconversion; Enlargement; Colonial Architecture; Palacete;

Índice

Introdução.....	1
1. Contextualização Histórica	3
1.1 Descobrimientos do Brasil.....	5
1.2 Arquitetura Colonial	7
1.2.1 As Cabanas.....	7
1.2.2 As Casas	8
1.2.3 As Fazendas.....	11
1.3 Marcas da Arquitetura Colonial Brasileira em Portugal.....	12
1.3.1 As Casas Verticais Urbanas.....	13
1.3.2 O Palácio	15
1.3.3 Casas Apalaçadas ou Palacetes.....	17
2. Contextualização de Projeto	19
Introdução à Proposta.....	21
2.1 Plataformas Coworking.....	23
2.2 Incubadora de Empresas	25
2.3 O Palacete Rosa Pena	29
2.4 Metodologia	41
2.5 Programa e Questões Formais	43
2.6 Demolições e Recuperações.....	49
2.7 Materiais e Sistemas Construtivos.....	51
Considerações Finais	59
Bibliografia.....	61
WebGrafia.....	63

Lista de Figuras

Figura 1. Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro, em 1500, por Óscar Pereira da Silva (1867-1939).....	6
Fonte: https://direitoehistoria.wordpress.com/2016/01/28/componentes-da-frota-de-cabral-e-dados-do-descobrimento-do-brasil/ .	
Figura 2. As Cabanas.	8
Fonte: http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/o-brasil-colonial-passado-a-limpo/ .	
Figura 3. As Casas, Brasil, Goiás.	10
Fonte: https://www.britannica.com/place/Goias-Brazil .	
Figura 4. As Fazendas.	12
Fonte: http://gnt.globo.com/programas/casa-brasileira/videos/5310807.htm .	
Figura 5. Casas Verticais Urbanas, Braga, Portugal.....	14
Fonte: http://casavogue.globo.com/Arquitetura/Casas/noticia/2014/01/o-anexo-que-virou-casa-principal.html .	
Figura 6. Palácio, Portugal.	16
Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/2014/01/casa-de-brasileiro-frazae.html .	
Figura 7. Palacete, Fafe, Portugal.....	18
Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/2014/01/casa-de-brasileiro-frazae.html .	
Figura 8. Espinho em 1900.	27
Fonte: https://aventar.eu/2011/04/29/a-estacao-de-espinho/ .	
Figura 9. Planta de Cidade de Espinho em 1900, e Localização do Terreno do Palacete.....	30
Fonte: https://deespinhoviva.blogspot.pt/2011/05/blog-post.html .	
Figura 10. Fotografia da Fachada Sul.	32
Fotografia do Autor.	
Figura 11. Fotografia da Fachada Oeste.....	33
Fotografia do Autor.	

Figura 12. Fotografia do Braço e dos Azulejos.	33
Fotografia do Autor.	
Figura 13. Fotografia da Entrada Principal do Palacete.	34
Fotografia do Autor.	
Figura 14. Fotografia da Fachada Este.	34
Fotografia do Autor.	
Figura 15. Fotografia do Interior do Palacete.	36
Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/2011/09/o-palacete-rosa-pena-espino.html .	
Figura 16. Fotografia do Interior do Palacete.	37
Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/2011/09/o-palacete-rosa-pena-espino.html .	
Figura 17. Fotografia das Escadas Principais do Palacete.	37
Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/2011/09/o-palacete-rosa-pena-espino.html .	
Figura 18. Fotografia do Interior do Palacete.	38
Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/2011/09/o-palacete-rosa-pena-espino.html .	
Figura 19. Fotografia do Palacete Rosa Pena.	39
Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/2011/09/o-palacete-rosa-pena-espino.html .	
Figura 20. Perspetiva de Relação entre o Existente e o Construído.	41
Desenho do Autor.	
Figura 21. Desenho do Alçado do Volume a Construir.	44
Desenho do Autor.	
Figura 22. Desenho do Alçado Principal do Palacete, com o Volume a Construir a fazer de Pano de Fundo.	44
Desenho do Autor.	
Figura 23. Desenho do Volume a Construir.	46
Desenho do Autor.	
Figura 24. Diagrama que Localiza os Três Espaços do Quarteirão.	46
Desenho do Autor.	

Figura 25. Diagrama da Divisão do Palacete.	48
Desenho do Autor.	
Figura 26. Diagrama da divisão do Interior do Volume a Construir.	48
Desenho do Autor.	
Figura 27. Desenho do Pavimento Exterior.....	52
Desenho do Autor.	
Figura 28. Desenho da Zona Comum do Palacete.	52
Desenho do Autor.	
Figura 29. Desenho das Zonas de Trabalho do Palacete.	54
Desenho do Autor.	
Figura 30. Desenho das Escadas Interiores.	54
Desenho do Autor.	
Figura 31. Alçado Interior do Volume a Construir.....	57
Desenho do Autor.	
Figura 32. Palacete Rosa Pena.	60
Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/2011/09/o-palacete-rosa-pena-espinho.html .	

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
AVAC	Aquecimento Ventilação e as Ventilado
MDF	Medium Density Fiberboard

Introdução

Foi no final do século XV, que se deu a descoberta das terras de Vera Cruz.

Com o descobrimento da cana de açúcar e do ouro, muitos portugueses rumaram para as terras do Brasil, fazendo lá fortunas incalculáveis.

Após a chegada a Vera Cruz, havia a necessidade de construir habitações para os colonizadores, que importaram correntes estilísticas Europeias, mas, adaptando-as às condições materiais do local.

Por colonizadores foram construídas as Cabanas, normalmente usadas pelos escravos, as Casas, localizadas no centro da cidade com ornamentação diferenciada e, as Fazendas, construídas por famílias abastadas, constituídas por fachadas e interiores bem ornamentados.

É no século XIX que se “verifica por muitos lados, o retorno do emigrante português enriquecido no Brasil, que constitui um poderoso fator de difusão cultural, que não tem sido devidamente considerado, muitos elementos que se encontram simultaneamente em Portugal e no Brasil, não são possivelmente formas portuguesas que foram levadas para uma terra de povoação recente, mas pelo contrário, produtos elaborados nesse país de ricos contatos e relações de culturais, e trazidos para Portugal pelo veículo do emigrante de retorno, que no seu desejo de ostentação, repete na sua terra aquilo que aprendeu onde se faz grande”¹, trazendo consigo três tipos de construção habitacional, as casas verticais e urbanas, geralmente localizadas no centro das cidades costeiras, os Palácios, também localizados no centro das cidades, mas destacando-se com a horizontalidade do seu desenho, e os Palacetes, localizados nas vilas ou aldeias, com um forte sentido individualizante.

Após concluída a contextualização histórica, existe a necessidade de abordar temas programáticos, salientando a distinção dos programas propostos, plataforma coworking e incubadora de empresas.

Na segunda parte da dissertação, considerada como desenvolvimento prático. Aborda-se o Palacete Rosa Pena, localizado no Centro da cidade de Espinho, construído por emigrantes vindos do Brasil, que com a sua riqueza, passaram para o Palacete toda a ostentação, construindo-o de forma imperial.

¹ Oliveira, Ernesto Veiga & Galhano, Fernando (1986) Casas Esguias do Porto e Sobrados do Brasil, Recife: Pool Editores, p.28.

Com o passar dos anos o Palacete perdeu a sua ocupação, encontrando-se em pleno século XXI, num estado avançado de degradação. Ao chegar a esta conclusão entramos na parte explicativa do projeto, pretendendo, manter ou até mesmo melhorar a forma como o edifício se destaca na cidade, dando-lhe uma nova utilidade.

1. Contextualização Histórica

1.1 Descobrimientos do Brasil

“As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram.”²

Luís de Camões, 1572

“Tudo começou no dia 22 de abril de 1500, quando a armada de Pedro Álvares Cabral, se retirou de Portugal com destino a terras Indianas, com objetivo consumir a ligação entre a costa de Malabar e o seu País Portugal.”³

Enquanto atravessavam o vasto mar, no dia 21 de abril do ano seguinte, avistaram vogando nas águas do oceano indícios de terra, que os levou a alterar o rumo da frota, descobrindo assim as riquíssimas terras de Vera Cruz, hoje em dia designada por Brasil.

Nessa época a região era habitada pela tribo Tupiniquins, pertencendo a um vasto grupo linguístico Tupi-guarani, com os quais os exploradores Portugueses realizaram as primeiras trocas comerciais.

O percurso para a colonização de terras de Vera Cruz, foi lento. Muitas dificuldades se fizeram presentes. Ora era o relevo acentuado, ora uma grande densidade de floresta litorânea, ora os índios bravios. Vencer aqueles obstáculos não era tarefa fácil, mas era imprescindível.

²Camões, Luís (1572) Os lusíadas, 2ª Edição, Porto: Porto Editora, p.53.

³Ferreira, José, Temas e Factos, Descobrimientos do Brasil, Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1112>, consultado em 11 de setembro de 2017.

Nos primeiros tempos dos portugueses em terra de Vera Cruz, foi explorada a cana do açúcar, uma descoberta que não atraiu muita atenção por parte do povo lusitano.

No final do século XVII, quando a economia açucareira entrou em dificuldades, os Portugueses partiram à procura de uma nova descoberta, neste imenso país.

Foi no seu interior, numa terra agora chamada por Minas Gerais, que foi encontrado um novo tesouro, tesouro esse denominado por ouro. Encontrado no início de século XVIII, e criou uma grande euforia por parte dos Portugueses, aumentando a população do país para três vezes mais.



Figura 1. Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro, em 1500, por Óscar Pereira da Silva (1867-1939).

1.2 Arquitetura Colonial

No Brasil a Arquitetura Colonial, é realizada entre o ano de 1500, até há sua independência em 1822.

“Durante este período os colonizadores importaram correntes estilísticas da Europa, para a colônia, adaptando-as às condições materiais e socioeconômicas locais.”⁴

Nesta época eram distinguidos três tipos de habitação, as Cabanas, as Casas e as Fazendas.

1.2.1 As Cabanas

As Cabanas eram o único modelo possível para a população mais humilde.

A sua cobertura era geralmente em palha, e o piso era ligeiramente elevado em relação ao solo, tendo como laje pranchas em madeira. As paredes, por sua vez, eram erguidas com palha trançada, entre os esteios. Normalmente sobre o esqueleto da cabana era amassado barro, escondendo a sua estrutura.

Este tipo de construção continuou a ser usada até ao século XIX.

⁴Arquitetura Colonial (1530-1820), Disponível em <https://arqbrasil10.wordpress.com/arquitetura-colonial/>, consultado em 11 de Setembro de 2015.



Figura 2. As Cabanas.

1.2.2 As Casas

Com o progresso da colonização e o estabelecimento de uma estrutura urbana básica, passou a ser utilizada a alvenaria, por ser mais resistente e permitir a construção de estruturas maiores.

Com a necessidade de defesa, contra os índios no interior, e no litoral ataques piratas, adotava-se o modelo Europeu de urbanização compacta, com as casas na sua maioria geminadas e as fachadas nos alinhamentos da rua, ficando um pequeno terreno livre nos fundos do lote.

Estas residências caracterizavam-se pelas aberturas distribuídas, espaços regulares e austeros, com marcos em madeira e ocasionalmente em pedra. Os seus ornamentos resumiam-se a uma curvatura nas vergas e esporadicamente uma caixilharia trabalhada, o seu telhado era igualmente simples, revestido a telhas cerâmicas, podendo ter alguma ornamentação discreta, como uma suave curvatura nos cantos.

Em muitos locais do litoral, são comuns as fachadas serem revestidas em azulejos.

A organização das casas, geralmente consistia, numa sala frontal, que servia de sala de jantar e sala de visitas, para onde se abria um corredor que interligava uma série de aposentos enfileirados, geralmente mal iluminados e mal ventilados. No fundo do corredor, havia uma sala que era usada como cozinha e áreas de serviço.

Nos pátios atrás das casas, podiam existir outras estruturas, como casas para os escravos e depósitos.

Neste tipo de habitação também eram comuns, edifícios de dois pisos, em que o piso inferior podia funcionar como comércio ou oficina e o superior de habitação.



Figura 3. As Casas, Brasil, Goiás.

1.2.3 As Fazendas

A falta de alimentação nas zonas mais povoadas, levou a população mais abastada procurar residência permanente no campo, erguendo uma série de quintas ou fazendas em zonas suburbanas que, tinham o seu próprio sistema de abastecimento, deixando os seus casarões da cidade, para uso eventual.

Inicialmente, nestes casarões havia uma grande simplicidade decorativa, privilegiando espaços amplos e confortáveis, mas despojados de ornamentação.

Naturalmente as quintas eram compostas por um corpo principal, a residência do proprietário, a chamada casa grande, tendo como anexos a Igreja, que por vezes era construída na casa do fazendeiro. A Fazenda era também composta por uma senzala para os escravos, habitações para os empregados brancos, depósitos de ferramentas e abrigos para os animais.

Somente no século XIX, os fazendeiros passaram a dar mais atenção aos aspetos decorativos, com as suas habitações ornamentadas com mobiliários decorado, pinturas, tapetes, cristais, louças finas e outros adornos.

Estas habitações têm caráter sólido, rústico e austero.

Neste tipo de habitação é destacada a presença de um alpendre entre os dois aposentos laterais, geralmente um usado como a capela e outro como quarto de hóspedes. A casa principal é composta por um telhado de quatro águas e uma grande sala central de uso diversificado.



Figura 4. As Fazendas.

1.3 Marcas da Arquitetura Colonial Brasileira em Portugal

“É no século XIX que se verifica, por vários locais o retorno dos emigrantes portugueses enriquecidos no Brasil.”¹

Nos séculos XVII, XVIII, XIX e as primeiras décadas do século XX a cidade do Porto e o litoral do país foram marcadas por uma ocupação intensiva do espaço, com edifícios civis, que agora chamamos por Casa do “Brasileiro”, a Arquitetura Colonial.

Os portugueses emigrados no Brasil trazem para Portugal três tipos de construções, as Casas Verticais, o Palácio e o Palacete.

1.3.1 As Casas Verticais Urbanas

Casas de tipo vertical, também designadas por casas estreitas e esguias, aparecem situadas umas ao lado das outras, ao longo de todas as ruas. Normalmente são compostas por três a quatro andares com apenas duas ou três janelas na fachada principal.

Estas casas correspondem ao modelo que sempre resolveu as questões de natureza funcional, servindo de estabelecimento comercial ao nível do rés-do-chão e de residências nos andares superiores.

É a casa popular burguesa, com duas portas, uma que dá acesso à residência e outra de acesso à loja, existindo uma porta interior de comunicação entre os dois setores.

No século XIX desenvolveu-se uma nova tendência, com o desaparecimento da função comercial, valorizando exclusivamente a residência. Este tipo de habitação fica mais distante do centro cívico, principalmente quando as aberturas de novas ruas, praças ajardinadas e passeios públicos, criaram novos centros urbanos.

¹ Oliveira, Ernesto Veiga & Galhano, Fernando (1986) Casas Esguias do Porto e Sobrados do Brasil, Recife : Pool Editores, p.28.

Nestas casas verticais as fachadas eram cada vez mais exuberantes, a sua verticalidade é acentuada, com belas cantarias, beirais de fiança, átrios de azulejos e escadarias em pedra terminando em belos medalhões ao gosto seiscentista. Outros, aparecem com fachadas simplificadas, despojadas de motivos ornamentais, com as varandas que se resumem a uma pedra linear, acentuando a verticalidade das pilastras de pedra a toda a altura do edifício. Outras são marcadamente horizontais, inscritas na estrutura da rua e limitadas por elas, seguindo sempre o mesmo sentido estético.



Figura 5. Casas Verticais Urbanas, Braga, Portugal.

1.3.2 O Palácio

“A Casa Horizontal ou Palácio, corresponde a casas longas e baixas, com fachadas amplas e numerosas portas e janelas, com linhas horizontais, compostas por rés-do-chão, andar nobre e mezanino, ou piso suplementar de serviço, onde são visíveis artifícios arquitetônicos que os mascaram.”⁵

Estes palácios, são raros e bem individualizados, aparecendo no meio da solução vertical.

O Palácio é a casa nobre, originária duma classe poderosa e terratenente, que transfere o conceito da casa senhorial do campo, nas suas características de largueza de espaço, afirmando o prestígio e o domínio, para a cidade.

Esta solução arquitetónica, assemelha-se em muitos dos seus elementos aos palácios nobres, apresentando frontões de tímpano perfeitos, truncado ou imperfeito, ou falsos frontões, incluindo-os na estrutura do edifício, complementando a linha das fachadas.

As fachadas são lisas e rebocadas a branco, desaparecendo praticamente os motivos ornamentais, com varandas reduzidas, uma pedra linear e existem pilastras de pedra verticais a toda a altura do edifício.

Estes edifícios encontram-se demarcados e murados com gradeamentos de ferro, dando diretamente para a via pública e as partes posteriores e laterais para um jardim.

Se alguns valorizam a horizontalidade, outros procuram a proporcionalidade entre o comprimento e a altura, buscando alguma harmonia, marcada pelos eixos das portas, janelas, eixos das pilastras, divisórias e divisão horizontal dos andares.

As divisões dos edifícios fazem-se normalmente em três corpos, um central e dois laterais, com o corpo central que pode ser mais comprido, mais curto ou mais saliente. Quando a divisão das fachadas não se faz por corpos, a separação é feita por pilastras de pequena sacada, que se correspondem nos diversos andares, dando a ideia de robustez aos cunhais e ao alçado frontal. A divisão vertical em partes iguais, aumenta a importância do Palácio.

Quando estes se localizam no espaço rural, a ornamentação reduz-se a uma estrutura e decoração simples, ganhando alguma amplitude e grandiosidade, face ao espaço e aos modelos tradicionais envolventes, destacando-se pelo número de janelas altas, com bandeiras de desenhos e fachadas lisas.

⁵Monteiro, Miguel (2000) Marcas da Arquitetura do Brasileiro na Paisagem do Minho, p.11.



Figura 6. Palácio, Portugal.

1.3.3 Casas Apalaçadas ou Palacetes

“A casa apalaçada não constituindo um Palácio na estrutura clássica, é larga, ampla e com forte sentido individualizante, construída nos limites das cidades, dentro das vilas e no espaço rural. As fachadas aparecem lisas e revestidas a azulejo. Neste tipo de construção a fachada principal é direta para a via pública, e as laterais para um jardim, pátio, parque ou quinta adjacente, onde se destacam as palmeiras como símbolo de vivência no Brasil.”⁵

Em certos casos, existe uma procura de proporcionalidade nem sempre conquistada, tornando-se por isso monótonas à vista, pelo que, algumas vezes, as varandas procuram acentuar a verticalidade e noutros casos, os terraços decorados interrompem a sua verticalidade.

O Palacete quer no Brasil quer em Portugal, não podem ser construídos no centro da cidade, por desobedecer às normas que definiam a tipologia clássica para a marcação da simetria das fachadas.

O edifício Apalaçado apresenta-se com quatro fachadas num exercício de simetria, dando ao edifício uma forma quase cúbica. Outras vezes, marcado numa base de assentamento quadrado, a simetria das fachadas é acentuada por torres que lhe dão verticalidade estrutural gótica.

A casa apalaçada aparece ladeada por um parque ou jardim, vedado com portões de ferro, arborização, ricamente ornamentado e decorado com lagos, painéis de azulejo, e estátuas.

⁵Monteiro, Miguel (2000) Marcas da Arquitetura do Brasileiro na Paisagem do Minho, p.12.



Figura 7. Palacete, Fafe, Portugal.

2. Contextualização de Projeto

Introdução à Proposta

O Palacete Rosa Pena é uma das obras arquitetónicas de maior relevo em Espinho, e merece maior destaque pelas suas dimensões, tratamento e decoração. O conjunto apresenta um jogo de volumes proporcionado por torreões, corpos salientes, corpos reentrantes, alpendres e delicados trabalhos de cantaria. O palacete Rosa Pena é pelas suas dimensões e jogo de volumes uma obra ímpar no cenário da cidade.

No entanto, o tempo de utilização deste espaço foi curto, devido à morte do seu proprietário. Por volta dos anos 80, por parte da câmara municipal houve interesse em adquirir o património, mas tal não se verificou, e o edifício ficou em degradação.

O propósito de estudar um elemento arquitetónico deste tipo e reabilitá-lo, atribuindo-lhe diferentes propósitos para os quais servia, prende-se com a realidade social que se tem vindo a refletir com a dificuldade de integração no mercado de trabalho por parte de profissionais empreendedoras e com vontade de expandir os seus projetos.

Espinho é uma cidade que pouco a pouco vai envelhecendo, uma vez que as oportunidades de trabalho são escassas, e por ser uma cidade próxima de dois núcleos empregadores bastante fortes, o caso das cidades do Porto e Aveiro.

A localização de Espinho, centrada entre estas duas cidades, com facilidades de locomoção e acessos, é um bom ponto de partida para a integração de um projeto que pretende contribuir para o desenvolvimento de sistemas e ideias empreendedoras. Um dos fatores que motivou o programa de intervenção do Palacete Rosa Pena, foi a proximidade com as cidades do Porto e Aveiro, mais concretamente com os seus polos universitários. O programa de intervenção com Plataforma Coworking e Incubadora de Empresas pretende funcionar como um ponto de partida para jovens que estejam a acabar os seus cursos académicos e pretendam, com as suas ideias de trabalho, afirmar-se no mundo empresarial. Todavia, este espaço não pretende restringir-se apenas a jovens estudantes, mas abrindo a toda a comunidade.

O programa de reabilitação do Palacete Rosa Pena configura dois programas distintos com um objetivo comum de proporcionar à comunidade empreendedora um espaço de trabalho onde se possa fixar, desenvolver, trabalhar as suas ideias e posteriormente lançar no mercado.

O programa estabelecido para o Palacete Rosa Pena integra duas vertentes, Plataforma Coworking e Incubadora de Empresas. Estes dois formatos têm como principal objetivo apoiar pessoas empreendedoras no desenvolvimento das suas ideias de negócio,

permitindo usufruir de um espaço coletivo, com inúmeras vantagens para o início e criação de um produto ou empresa.

As principais valências destes programas são a disponibilização de meios físicos e materiais e serviços de apoio à gestão com uma estrutura de apoio a novos projetos empresariais.

Estas plataformas apoiam a interação de ideias, promovendo experiências de partilha e cooperação, criando conexões entre entidades empreendedoras.

2.1 Plataformas Coworking

“Há cada vez mais empresas a recorrer ao Coworking, para cortar gastos ou simplesmente porque não necessitam de um escritório completo, mas pretendem ter um posto de trabalho”.⁶

“Coworking é uma designação mundial para um padrão de trabalho.”⁷

Estes locais de trabalho não auxiliam só empresas formadas, podem igualmente ser experimentados por profissionais, que em vez de trabalharem em cafés, nos carros, ou nos centros comerciais, trabalham num espaço pensado e organizado para essa função, com a possibilidade de aumentar o rendimento do trabalho.

Naturalmente os trabalhadores autónomos trabalham em casa ou viajam bastante, sofrendo com o isolamento.

Quem trabalha num espaço coworking de forma independente, partilha formas de estar e vivências, portanto, o espaço coworking é um local de trabalho onde os seus utilizadores podem trocar experiências e opiniões.

As vantagens de trabalhar num espaço coworking, vão para além das sociais. A facilidade com que podemos trocar de espaço é outra das vantagens, como por exemplo, segunda-feira posso trabalhar em Lisboa num espaço coworking e quarta posso estar no Porto a trabalhar ou até mesmo não estar. Obtendo flexibilidade horária e espacial.

“As vezes comparo o Coworking a empresas onde trabalhei. Cheguei a trabalhar numa empresa que tinha oitocentas pessoas. Eu não as conhecia a todas, nem trabalhava com todas. No entanto encontro um colega de outro projeto e departamento e falo-lhe do meu projeto e ele do seu. Isso acontece no espaço Coworking”.⁸

Concluindo, as pessoas que utilizam os espaços coworking, para que não estejam constantemente fechadas em casa, têm a oportunidade de obter um espaço fixo de trabalho, interagindo com outras pessoas e criando uma dinâmica de grupo.

⁶Spaces, Avila, Um Cowork Premium no Centro de Lisboa, disponível em <https://avilaspaces.com/pt/gca/index.php?id=16>, consultado em 15 de setembro de 2017.

⁷Facts Coworking (2012) Coworking o que é?, disponível em <http://factscoworking.com/>, consultado em 15 de setembro de 2017.

⁸Gonçalves, Carlos & Quaresma, José (2013) Out Of Office. 1ª Edição, Porto: Vida Económica -Editorial, p.103.

2.2 Incubadora de Empresas

Incubadoras de empresas são um projeto que tem o objetivo de criar ou desenvolver pequenas empresas apoiando-as nos seus primeiros passos.

“Os empreendedores têm normalmente poucos recursos, conhecimento e tempo muito limitado. Precisam de se focar no core do seu negócio e estarem integrados num ambiente propício ao crescimento da Startup acaba por se revelar determinante no sucesso da empresa. É nesta fase que as incubadoras assumem um importante papel.”⁹

Portanto, as incubadoras de empresas são organizações que ajudam as recentes empresas a lançarem-se no mercado de trabalho, evitando que estas sejam esmagadas logo no início. Estas organizações proporcionam às empresas um ambiente de empreendedorismo, tal como alguns serviços, como marketing, contabilidade, assessoria empresarial, jurídica e até financeira, a preços acessíveis.

Para além dos serviços mencionados acima, as incubadoras dividem alguns custos, como a internet, o telefone, as impressões e outros recursos, fazendo com que a sua mensalidade seja competitiva.

Várias incubadoras agrupam algumas empresas no mesmo espaço, fazendo com que exista uma ligação entre elas, nem que seja troca de impressões.

Normalmente a entrada numa incubadora de empresas é de acesso restrito. Sendo necessário ter um plano de negócios viável.

O tempo das jovens empresas nas incubadoras de empresas é limitado, rodando normalmente, dois ou três anos.

“O foco, para além do contexto de área de trabalho, passa pela integração numa comunidade e no acesso a uma rede de mentores, parceiros e outras Startups que permitem evoluir e potenciar ainda mais o desenvolvimento dos seus produtos”¹⁰, afirma Tiago Sequeira, diretor da Startup *de Braga*.

⁹Fábrica de Startups (2015) O que uma incubadora pode dar à tua Startup, disponível em <http://www.fabricadestartups.com/blog/10/2015/o-que-uma-incubadora-pode-dar-tua-startup>, consultado em 15 de setembro de 2017.

¹⁰Microsoft (2016) Incubadoras de empresas Startup-não são as quatro paredes que contam, disponível em <http://observador.pt/2016/05/17/incubadoras-startups-nao-sao-as-quatro-paredes-contam/>, consultado em 16 de setembro de 2017.

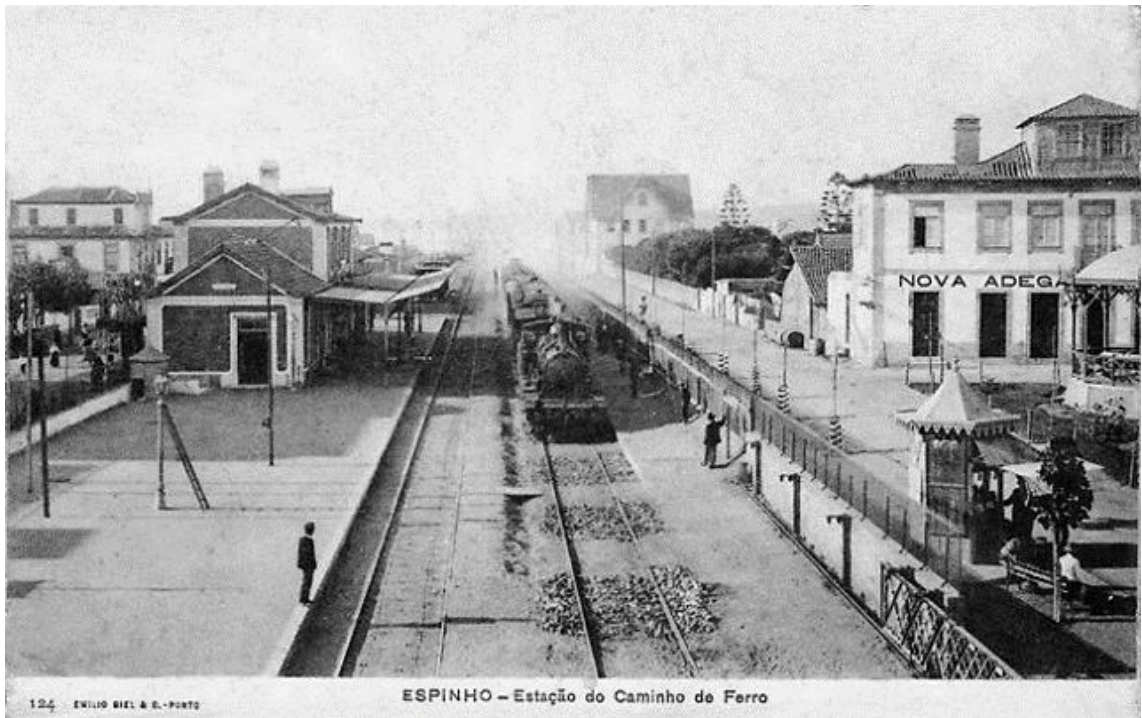


Figura 8. Espinho em 1900.

2.3 O Palacete Rosa Pena

Espinho, um lugar piscatório, que ao longo dos anos com a mudança dos costumes, e com a perseverança dos seus habitantes às investidas no mar, foi adquirindo importância nas terras Portuguesas e nos Portugueses, que com o tempo passaram a valorizar as áreas costeiras, que até então eram somente habitadas por pescadores.

No ano de 1900, Espinho era uma pequena cidade, movida pelos trabalhos marítimos. Também o fácil acesso à cidade do Porto era outro fator, que trazia grande afluência de pessoas a Espinho.

Quando em 1925, Dona Maria de Lourdes Pena, e o seu Marido Joaquim Alves Pena regressaram do Brasil para sua terra natal, Espinho era uma localidade completamente transformada, com uma atividade económica regular e rentável, e possuía uma série de equipamentos coletivos fora do vulgar.

O objetivo de tão abundado casal ao chegar à cidade de Espinho, era construir uma habitação na sua terra de origem, sabendo que esta só seria usada em tempo de férias, uma vez que os seus negócios obrigavam à permanência em terras de Vera Cruz.

Com o Intuito de construir um Palacete e tomado em conta todas as regras que esta construção implicava, escolheram um lote com cerca de cinco hectares e meio, desviado do centro da cidade e confinado entre as ruas 16, 28,19 e 15.



Figura 9. Planta de Cidade de Espinho em 1900, e Localização do Terreno do Palacete.

O início da construção está datado do ano de 1925, com a sua conclusão no ano de 1928.

O Palacete, é uma construção larga, ampla e com forte sentido individualizante, que através dos seus seis volumes, mostra a importância dos espaços, tendo em conta as suas diferentes alturas e saliências.

Os volumes são compostos até quatro pisos, embora um deles tenha apenas dois pisos, o que revela a sua menor importância em relação ao restante edifício. Outro dos volumes é composto com quatro pisos, e denuncia a sua imponência e importância e, os restantes volumes são compostos por três pisos, com alturas de coberturas diferenciadas, consoante o valor do programa.

A fachada principal é confinada à Rua 19 e as restantes aparecem ladeadas por um jardim vedado com portões de ferro. Nas ombreiras dos portões surgem “armas fundidas, de saliências arrogantes...”¹¹, dispostas por pedra granítica.

As suas fachadas são ricamente decoradas, com apontamentos de azulejo. Todas elas são rompidas com inúmeras portas e janelas, com ombreiras e padieiras revestidas a pedra granítica.

É o alçado principal que revela a ostentação e a riqueza de seus donos. É nesta fachada que a decoração se encontra mais presente. Nela existem dois volumes salientes, o da entrada, que para além de ser saliente é o mais alto de todos os volumes, e o volume que se encontra a meio do alçado. Este serve a sala de jogos, a sala de estar e o quarto principal. É neste corpo que se observa uma maior ornamentação. Os desenhos das janelas são diferentes das restantes janelas do edifício, maioritariamente revestidas a pedra granítica trabalhada, com apontamentos de azulejo distribuídos pelo alçado. No topo deste alçado encontra-se um Brazão desenhado a pedra granítica.

Nas restantes fachadas denotam-se apontamentos de azulejo e pedra granítica, mas em menor quantidade, conferindo-lhes menor relevância.

É no alçado Norte do Palacete, que se regista outro dos volumes. Neste, a ornamentação é encontrada em menor número, tendo apenas pedra granítica a envolver os vãos existentes. O volume é constituído por dois pisos, revelando menor importância, não fosse esta a zona reservada aos serviços, como a cozinha e a copa, e locais de descanso para os empregados.

¹¹Castelo Branco, Camilo, Eusébio Macário, Porto: Liv. Chardon, s/d., 7ª edição, p.50.

A entrada principal do Palacete acontece no cruzamento das Ruas 19 e 26, feita de forma oblíqua em relação ao edifício, pois, é neste ponto que irrompe a escadaria principal, que nos encaminha ao primeiro piso.



Figura 10. Fotografia da Fachada Sul.



Figura 12. Fotografia do Braço e dos Azulejos.



Figura 11. Fotografia da Fachada Oeste.



Figura 14. Fotografia da Fachada Este.



Figura 13. Fotografia da Entrada Principal do Palacete.

Este andar tem um pé direito mais alto que os restantes pisos, com o propósito de destacar a sua importância em relação aos restantes. Este piso foi desenhado com o objetivo de ser a zona social do Palacete, onde se encontra um maior adorno nos objetos e revestimentos.

Praticamente todo o edifício é revestido a madeira, desde os pavimentos, lambrins, ombreiras e padieiras, todos eles detalhados com madeiras trabalhadas. Os tetos são trabalhados de igual forma, mas com uma materialidade diferente, o estuque.

É na zona norte do primeiro piso, que encontramos o espaço de serviços, que por consequência do seu nível de importância, vê o pé direito é reduzido e os seus adornos passam a ser quase nulos. É neste local do edifício que encontramos a cozinha, a copa, uma sala de arrumos, e por último, um quarto para os empregados e as respetivas instalações sanitárias.

Ao sair desta área da casa e apontando à esquerda (lado Este), encontra-se um pequeno corredor que vai de encontro a um corpo destacado do edifício em forma de torre esguia. Este corpo destina-se apenas e unicamente a instalações sanitárias, nos seus três pisos.

Ao entrar na zona central do Palacete, encontramos duas escadas, uma bem adornada e vistosa, que ascende ao segundo piso, e outra quase que escondida pela primeira, que se prolonga ao piso do rés-do-chão, composto por zonas técnicas. Estas escadarias são iluminadas por um grande vão virado para as traseiras do edifício colocado a Norte.

Ao descermos para o rés do chão, vamos de encontro à zona mais técnica da casa, equipada com uma sala para a adega, outra para arrumos, sala de costura, rouparia e sala de brunir. Neste andar, virado a Sul, existem duas salas de lazer, apetrechadas com uma sala de jogos e uma sala de fumo.

Neste andar térreo do Palacete, os seus adornos são mais simples em relação ao piso superior. O pavimento continua a ser em madeira, mas é nos lambrins e vãos que se assinala maior diferença, os lambrins deixam de existir e são substituídos por rodapés nus de ornamentação, e os vãos descuram os desenhos refinados.

Na análise feita aos pisos do Palacete, ficam a faltar o segundo e terceiro piso, que serão prontamente analisados.

Todo o segundo andar do Palacete é reservado a zonas de descanso, mais concretamente os quartos. Também neste andar observamos uma sala de estudo com uma pequena escada que nos eleva ao terceiro piso do palacete, lugar onde se pode contemplar o mar.

Tanto o último andar como o que o precede, são ricamente decorados, com madeiras e vãos decorados, à imagem do que sucede no piso de entrada do Palacete.



Figura 15. Fotografia do Interior do Palacete.



Figura 17. Fotografia das Escadas Principais do Palacete.



Figura 16. Fotografia do Interior do Palacete.



Figura 18. Fotografia do Interior do Palacete.

Todavia, poucos foram os anos de brilho deste tão ilustre edifício. Com a morte do marido, Dona Maria de Lourdes Pena, regressou a Portugal, com o objetivo traçado de vender todo o património em terras Lusitanas e principalmente vender o Palacete a alguém que tivesse disposto a mante-lo intacto. A compra foi realizada, mas o edifício nunca mais ganhou vida, esmorecendo na cidade que o acolheu.

Neste momento o Palacete dilui-se na cidade e deixa-se rodear por blocos pouco ordenados da Cidade, na sua composição. Naquele quarteirão permanece um bloco de memórias desvanecido e esquecido na cidade que cresceu e não o levou consigo, deixando este edifício para trás, enclausurado naquele quarteirão que ninguém lhe conseguiu roubar.



Figura 19. Fotografia do Palacete Rosa Pena.

2.4 Metodologia

A metodologia a adotar firma numa relação de intimidade com a preexistência, procurando manter a ligação entre o passado e o presente, reconvertendo e reconstruindo o Palacete de forma a manter viva a memória do edifício, mas também manter viva a arquitetura colonial que ainda paira nas ruas da cidade de Espinho.

“Cabe ao arquiteto ter a sensibilidade para, através do conhecimento da preexistência, fazer uma síntese entre o passado e presente acrescentando novos significados e utilidades ao existente, sem destruir ou anular”¹². Deste modo, a intenção principal do projeto é manter o Palacete praticamente intocado, resguardando a sua história e importância no mundo da arquitetura, e ao mesmo tempo atribuir-lhe uma nova vida através da sua manutenção.

Tendo em conta a importância arquitetónica do edifício, é essencial não criar obstáculos ao edifício, aumentando a sua imponência e magistralidade. Posto isto a ampliação proposta, tem como principal objetivo, funcionar como pano de fundo, para que assim o palacete se possa avultar ainda mais em relação à sua envolvente.

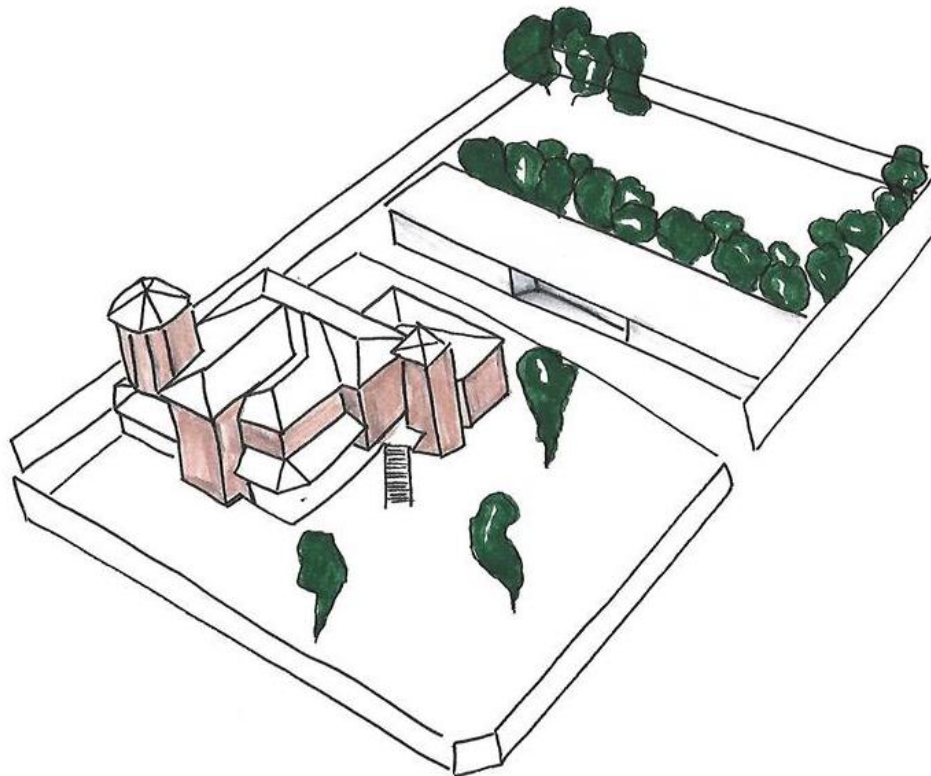


Figura 20. Perspetiva de Relação entre o Existente e o Construído.

¹² Mendes Ribeiro, João (2010) Acções Patrimoniais Arq./a: revista de arquitetura e arte, (julho/agosto), Acções patrimoniais nº83, Lisboa: FuturMagazine Sociedade Edito Lda, p.24-39.

2.5 Programa e Questões Formais

Ao reverter e reconstruir um edifício, é fundamental realizar uma análise do existente, permitindo tomar conhecimento do edifício a reformar. Assim após a realização de levantamento topográfico, estuda-se a forma de respeitar o espaço e manter o edifício o mais intacto possível.

Apesar do projeto tratar uma reconversão do espaço, os ambientes continuarão a ter as suas particularidades, preservando todas as paredes interiores, apenas reconstruídas com uma nova materialidade.

Ao manter o projeto desta forma intacto, quer no exterior quer no interior é mantida a sua magia inicial, magia que os seus primeiros donos sonhavam que se mantivesse e prolongasse no tempo.

Desta forma a ampliação do espaço, com um novo edifício a planear, respeita o corpo existente, permitindo-lhe respirar e manter-se como elemento de principal destaque no projeto.

O novo volume desenhado, tal como foi referido anteriormente, tem como finalidade, para além do conteúdo programático, funcionar como pano de fundo para o edifício existente. Para tornar esta opção válida é essencial que o novo edifício se relacione paralelamente ao Palacete e perpendicular às ruas adjacentes.

Este novo volume quase que rompe o terreno de ponta a ponta, exceto a oeste, onde se marca um ponto de ligação entre o edificado e o espaço reservado a estacionamento.

O programa pensado para a reconversão, recuperação do Palacete e ampliação é a inclusão de um espaço que funciona como incubadora de empresas e um outro espaço que trabalha como plataforma de Coworking.

Devido a densidade programática que a proposta exige, conclui-se a necessidade de criar uma ampliação, dividindo assim o programa em dois edifícios desconetados e independentes.

Com o grande número de compartimentos que o Palacete alberga, o programa que melhor se adapta a este é a incubadora de empresas, justificado com o facto de cada uma das empresas precisar do seu espaço individual. O espaço Coworking como vive de espaços amplos e maiores, não se adapta à configuração do Palacete, ficando-lhe reservado o novo volume.

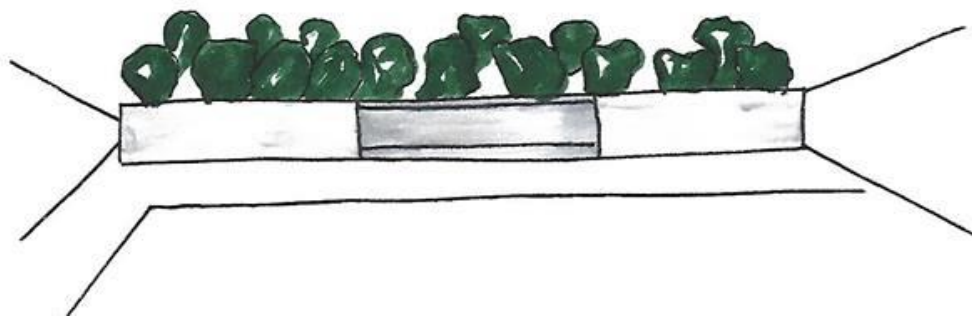


Figura 21. Desenho do Alçado do Volume a Construir.

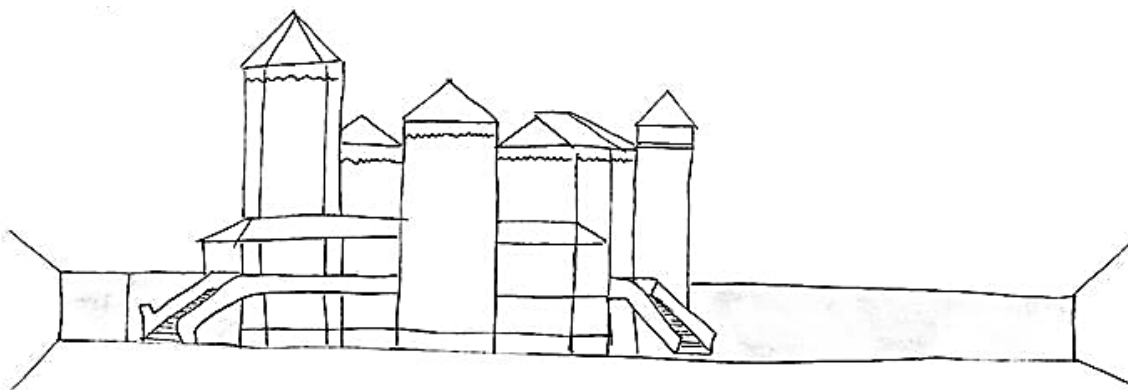


Figura 22. Desenho do Alçado Principal do Palacete, com o Volume a Construir a fazer de Pano de Fundo.

Para que o novo volume funcione como pano de fundo, em relação ao Palacete, é necessário, que os seus vãos sejam imperceptíveis aos olhos de quem passa na rua. Para que isso seja possível, foi rasgado um grande vão a sul do novo volume, refugiado pelas extremidades este e oeste do Palacete. Outro vão rasga a fachada oeste do novo edifício, oculto para quem passa pela rua, pelo muro de betão que rodeia todo o quarteirão, muro esse que, neste ponto do projeto tem a mesma altura do novo volume construído. Na fração sul do quarteirão a altura do muro baixa consideravelmente, e permite que a observação de todas as fachadas do palacete seja possível. Os elementos que fazem a passagem entre as diferentes alturas dos muros são os portões que se localizam a este e oeste do quarteirão. O muro com maior altura encontra-se a Norte deste e o de menor altura situa-se a Sul.

Deste modo a zona exterior do projeto divide-se em três partes, a maior delas é o Palacete, que se encontra ladeado por um jardim, com poucas árvores, permitindo ao Palacete respirar e ganhar vida dentro do seu quarteirão. Outra parte bem menor define-se unicamente pelo edifício da ampliação, e por fim a última parte do terreno destina-se a um espaço de estacionamento rodeado de vegetação, com um ar exótico ao local e que ao mesmo tempo dissimula o parque existente.

A unir estes três espaços, foi desenhado um passeio localizado a oeste do terreno, rasgando o mesmo de Sul a Norte, que origina uma ligação perpendicular, unindo os dois portões laterais e levando os utilizadores à entrada principal do espaço Coworking.

O novo corpo é composto por um único piso, acentuando a horizontalidade do volume, e não desviar a atenção ao Palacete.

Este corpo é dividido em três espaços. No extremo oeste é a zona reservada ao local de trabalho, ao centro encontram-se os espaços comuns e a este a zona administrativa.

Tanto o local de trabalho como os espaços comuns enchem-se de luz de forma direta, através do vão que rasga o Alçado Oeste e do vão de rasga parte do Alçado Sul. Tanto um vão como o outro encontram-se recuados em relação às fachadas, criando uma espécie de hall. Os dois rasgam o edifício desde a laje térrea até a cobertura, entrando em concordância com Souto Moura quando diz que o edifício “tem vidro, não são janelas, porque não sei fazer janelas. Ainda hoje não consigo, quer dizer consigo, mas faço mal”¹³.

Dois dos três espaços referidos acima são subdivididos em mais compartimentos, caso dos espaços comuns e a zona administrativa.

¹³ Maria Milano, Roberto Cremascoli (2017) Eduardo Souto Moura- A Casa de Quem faz Casas, Cardume Editores, p.38.

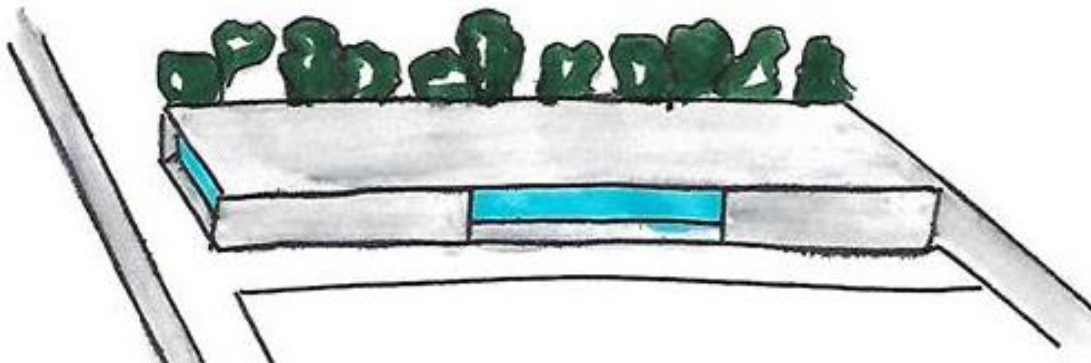


Figura 23. Desenho do Volume a Construir.

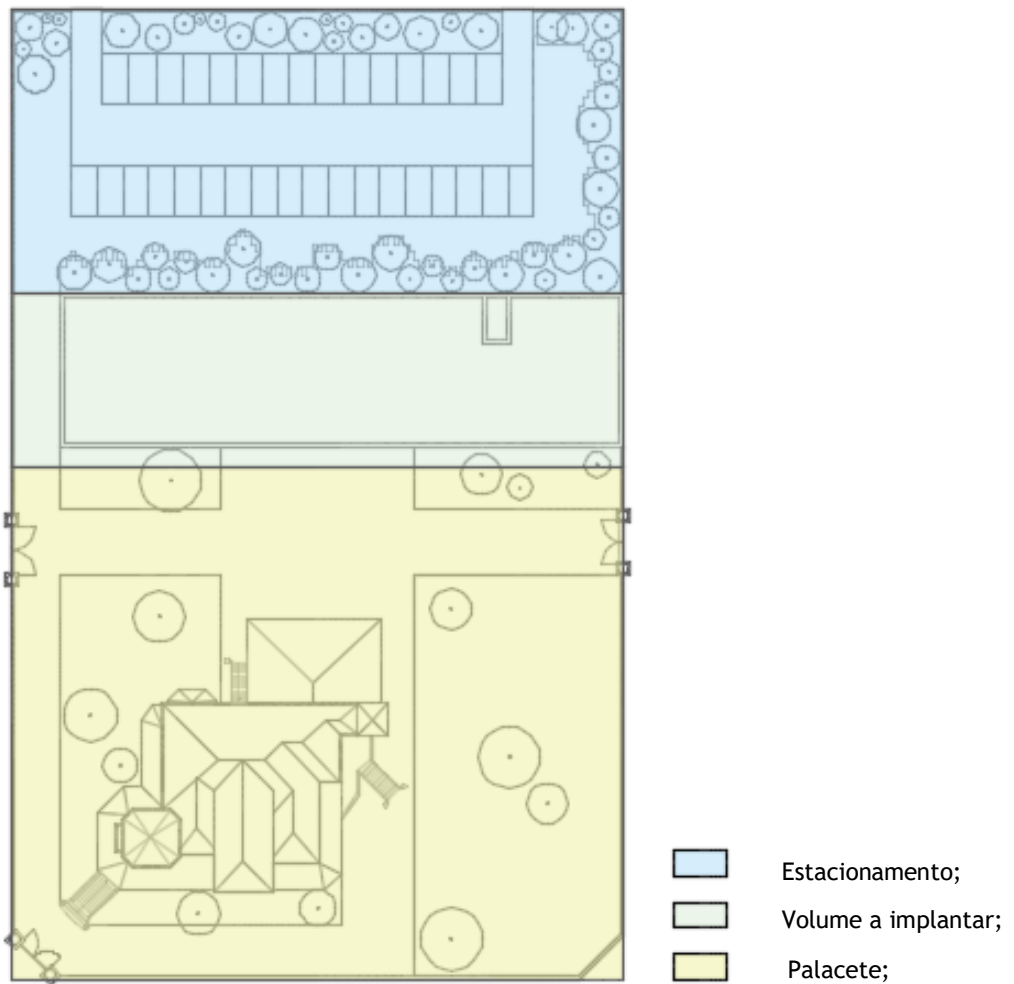


Figura 24. Diagrama que Localiza os Três Espaços do Quarteirão.

Os espaços comuns foram desenhados de forma a estarem centrados no edifício. Neste corpo do novo bloco encontram-se as áreas que todos os utilizadores percorrem com maior frequência. Portanto, ao entrarmos no novo volume encontramos uma receção apetrechada com cacifos, onde os trabalhadores podem guardar os seus pertences. A oeste, subentende-se para a esquerda, divididas em três secções localizam-se as instalações sanitárias, ao lado esquerdo destas foi desenhada a copa, assinalada por uma parede de vidro para que consiga ter luz direta durante o dia, através do vão desenhado a Sul. Ainda nesta zona de espaços comuns é possível encontrar a área de lazer. Todos estes espaços encontram-se forrados com ripas de madeira, que ocultam a variedade de materiais existentes e criam um alçado interior.

A zona administrativa é dividida com um pequeno auditório, uma sala de reuniões, um espaço reservado para exposições temporárias, uma sala de espera, a sala administrativa, uma sala de arrumos e um pátio que ilumina e serve a sala administrativa.

No corpo existente, o Palacete, o programa é igualmente dividido em três setores. O primeiro andar do Palacete é reservado para as áreas comuns e áreas administrativas e os restantes pisos servem as áreas de trabalho.

Ou seja, ao acompanhar a escada principal, que permite acesso ao primeiro piso do Palacete, revela-se o Hall de entrada, seguido por uma pequena receção e ainda por uma sala de espera. Na continuação do alinhamento dos compartimentos anteriores, a Sul do Palacete, foram desenhadas três instalações sanitárias, que respeitam os seus limites e os vãos existentes, repetindo-se nos três pisos. Ao centro do primeiro andar existem duas divisões, uma reservada para a sala de reuniões e outra que desempenhará a função de auditório. A Norte deste andar e como já acontece no existente, foi colocada a copa. Neste espaço do palacete, as paredes a tabique foram demolidas, deixando o espaço mais despojado e amplo. No centro deste compartimento, foi desenhada a bancada, função onde os utilizadores do espaço podem aquecer e guardar as suas refeições. Na torre mais deslocada do palacete, situada a Este, localiza-se o elevador, que de forma camuflada, percorre todo o volume, deixando as marcas do seu passado pairarem nas suas paredes. Tanto o piso superior como no inferior estão dotados com locais de trabalho, que normalmente são bem iluminadas e despojadas, tendo como decoração mobiliário que servem de apoio aos seus utilizadores.

É no piso superior, no corpo mais saliente e mais alto do Palacete, que foi desenhada uma biblioteca que servirá de apoio às empresas. Nesta biblioteca encontra-se presente uma pequena escada em caracol, que nos liga ao último andar do volume existente, constituído por uma pequena sala, na qual se pode avistar o mar e escolher livros para futuras pesquisas e leituras.

Terminando a visita a tão ilustre edifício, ao centro localizam-se duas escadas, que têm como principal objetivo manter a linguagem das escadas existentes no Palacete em ruína e simultaneamente inculcar um ar de modernidade e contemporaneidade, nunca esquecendo o seu passado.



Figura 26. Diagrama da divisão do Interior do Volume a Construir.

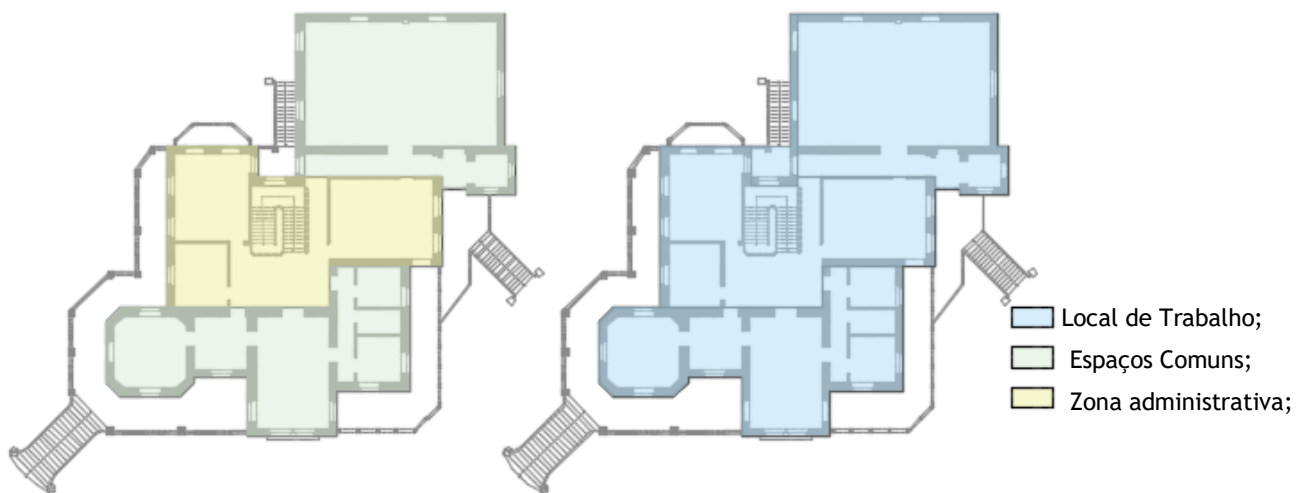


Figura 25. Diagrama da Divisão do Palacete.

2.6 Demolições e Recuperações

Muitos dos elementos que se encontram no Palacete são, irrecuperáveis, tais como os telhados, as lajes em madeira, as paredes interiores, as janelas, as portas interiores e exteriores e os pavimentos, tentando assim de alguma forma recuperar ou construir estes elementos, para que o palacete mantenha a sua magia inicial.

Os muros exteriores não apresentam qualquer interesse arquitetónico e em alguns pontos encontram-se em risco de ruir. Posto isto os muros existentes serão demolidos e substituídos por uns muros de betão, mantendo os seus portões em ferro e ombreiras, pois estas são um símbolo da arquitetura colonial em Portugal.

As paredes exteriores do Palacete, construídas com pedra granítica encontram-se num estado razoável de conservação, com a necessidade de recuperar em alguns pontos.

Quanto à tinta das paredes exteriores, apresentam danos da chuva, da corrosão do mar e do tempo. A tinta está a estalar e a descascar, por consequência será necessária a aplicação de um novo revestimento. As pedras das fachadas serão limpas e os azulejos que revestem as fachadas serão recuperados.

No interior, existem dois tipos de paredes, as estruturais em pedra granítica as divisórias em tabique. As segundas serão demolidas e substituídas por paredes em gesso cartonado. As únicas paredes que serão demolidas sem substituição serão na ala norte do Palacete, para a entrada de luz na copa, para que este espaço seja amplo e bem iluminado.

Todas as janelas e portas serão retiradas, uma vez que as madeiras se encontram num estado avançado de degradação, estando muitas delas impossíveis de recuperar. Serão, portanto, substituídas por janelas e portas em PVC, preservando a estereotomia inicial.

Para concluir, praticamente todos os telhados do edifício se encontram degradados, tal como a estrutura que o sustenta, assim como com as lajes interiores e seus pavimentos em madeira. É por demais evidente a recuperação e substituição de todos estes elementos mantendo os materiais tradicionais que os caracterizam.

2.7 Materiais e Sistemas Construtivos

Os materiais a utilizar pretendem ir ao encontro das necessidades e memórias referentes à arquitetura colonial.

Foi referido no tópico anterior, o Palacete carece de uns novos muros em betão. Estes terão duas alturas diferentes, com dois objetivos diferentes. Uma altura tem o objetivo de esconder e a outra de deixar ver. O que separa esta diferença de alturas são os portões, localizados a Este e Oeste do terreno. A sul destes portões, os muros terão uma altura de 1,20m, para que o Palacete possa ser visto por quem passa nas ruas. A Norte dos portões o muro passa a ter 4,00m, fazendo parte da estrutura do novo edificado e escondendo o novo volume e a zona de estacionamento.

O material a ser utilizado no pavimento exterior são lajetas de betão com 150X50X30mm. Este pavimento foi escolhido com o objetivo de criar uma uniformidade dos espaços exteriores, uma vez que o cinzento é uma cor muito presente ao longo do projeto. Está presente na pedra que reveste parte das fachadas do Palacete, nos muros que envolvem o projeto e com a textura em betão armado do novo volume. Estas lajetas serão assentes numa laje térrea, que será constituída por uma camada regularizadora com 12mm, seguida por uma laje de betão com 13mm, por uma tela impermeabilizante com 2mm e uma camada de gravilha com 24mm.

As paredes exteriores do Palacete, são constituídas pela pedra granítica preexistente, no entanto esta será revestida com estuque e tinta com cor aproximada ao volume existente, com a referência da marca “Cin E526 amarelo Gigko”. No interior as novas paredes são revestidas com Isolamento de Poliestireno Expandido-EPS, com 6mm de espessura, seguido por uma placa de gesso cartonado tipo “Pladur”. Os restantes revestimentos destas paredes variam consoante o programa dos seus compartimentos. As paredes interiores do volume existente são compostas por 3 camadas, duas de gesso cartonado e entre estas ainda existe uma camada de lâ de rocha com 6mm. Tal como acontece com as paredes exteriores, os restantes revestimentos vão variando consoante o programa de cada divisão.

Ao entrarmos no Palacete, pelas das escadas principais, sustentadas e revestidas por pedra granítica, somos recebidos por um varandim, que envolve parte da fachada Sul e toda a fachada Oeste do volume existente. Esta varanda é revestida com um pavimento Porcelanosa, antiderrapante do tipo, “Cascais Natural Classe 3, com 44x66cm” de cor cinza. Este pavimento foi escolhido de forma a garantir a uniformidade dos espaços exteriores, e ao mesmo tempo criar, de certa forma uma espécie de dégradé, através da diferença de materialidade, dando a entender que estamos prestes a entrar num espaço interior.

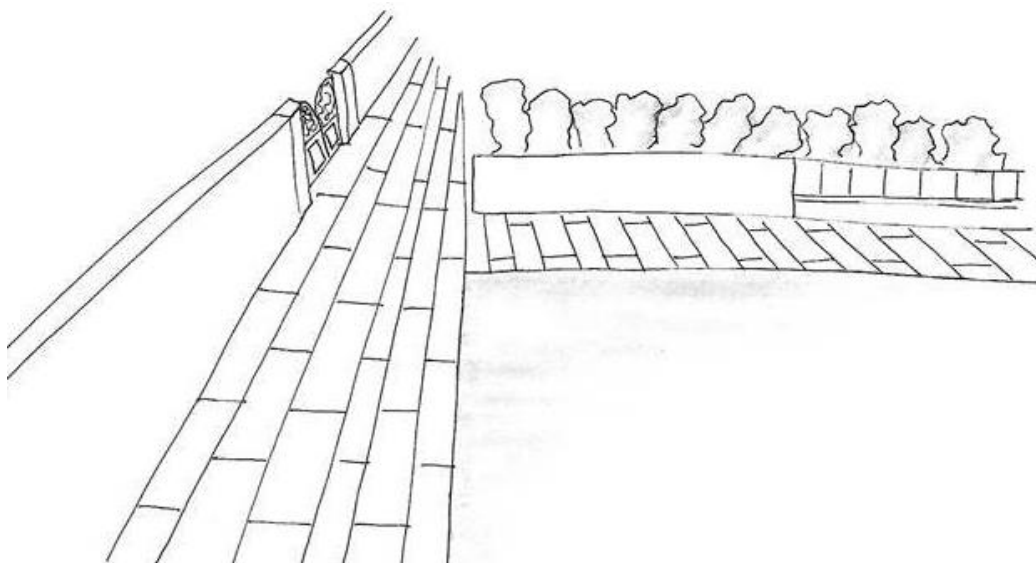


Figura 27. Desenho do Pavimento Exterior.

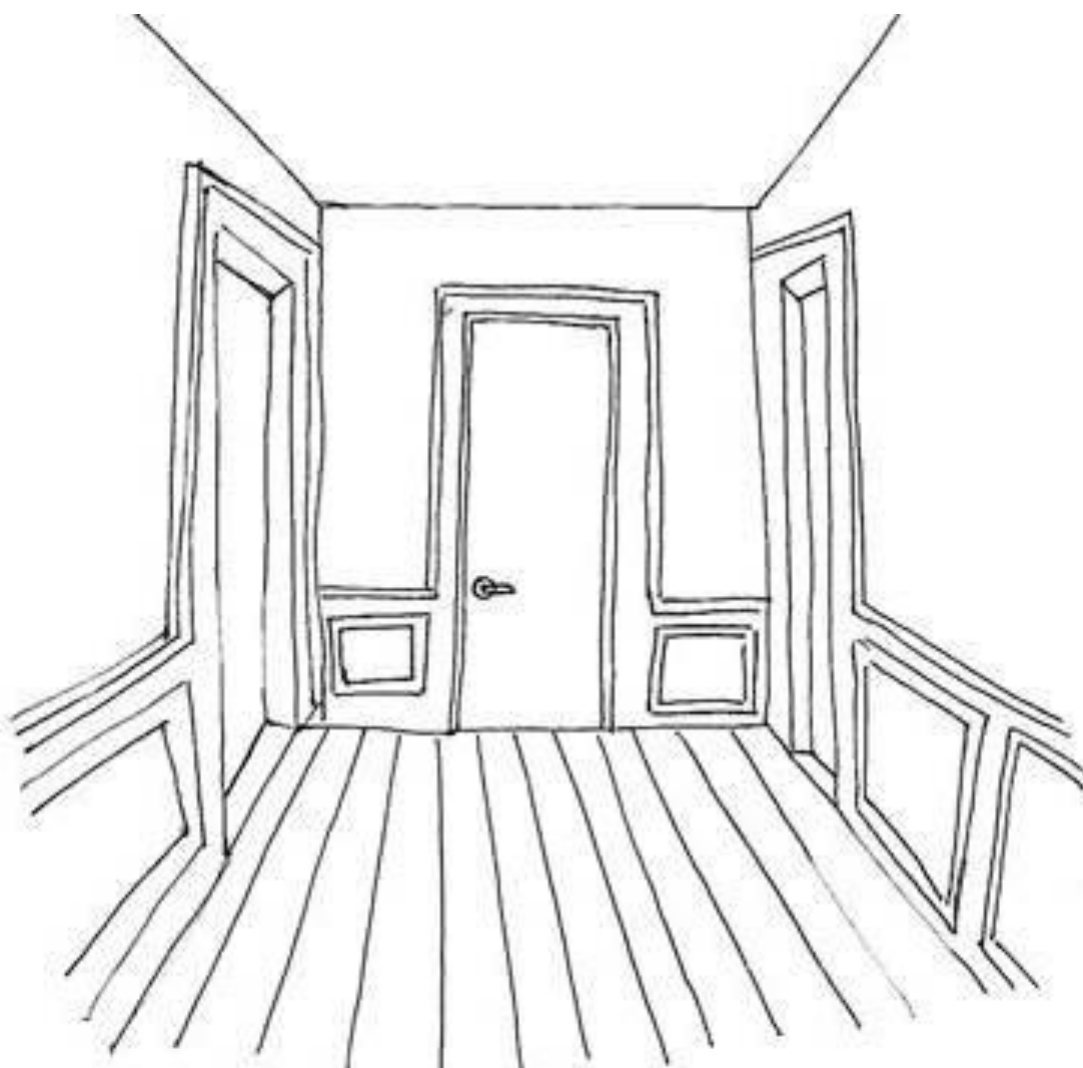


Figura 28. Desenho da Zona Comum do Palacete.

Ao entrarmos no primeiro piso do edifício, fazemo-lo através de porta “Technal, tipo Soleal FY Oculta”, e pisamos sobre a laje em madeira, revestida a madeira natural, do tipo, “Porcelanosa Wood Lovers Brown Lisbon com 240X140mm”.

Todo o teto deste andar é revestido tipo “Pladur”, com Lã de Rocha com 6mm de espessura sobre este. Este andar tem maior altura entre os três pisos, com pé direito de 3,60m, restando 0,37m, entre a placa de gesso cartonado e a laje superior em madeira, para a passagem dos AVAC.

O primeiro andar por ser todo ele destinado ao público em geral, é revestido com lambrins em madeira natural, redesenhados de forma a simplificar o desenho original, mas mantendo a ideia de ostentação, com cerca de 1,13m de altura. Em todo o Palacete foram removidos os lambrins existentes devido ao estado avançado de degradação das madeiras, não sendo possível recuperara-los.

As ombreiras e padieiras serão, tal como os lambrins e os pavimentos revestidos a madeira natural, mantendo a uniformidade dos espaços interiores.

Nas instalações sanitárias e na copa, os revestimentos alteram. Os seus pavimentos, lambrins, vãos e bancas passam a ser revestidos em mármore Travertino do tipo “Porcelanosa Silk Wood”.

Todas as instalações sanitárias são ornamentadas com lavatórios do tipo “encastrar por baixo sem furação, nexo 56, da Sanitana”, com torneiras tipo “bloc lavatório, da Sanitana” e sanitas tipo “glam suspenso, da Sanitana”. A dividir os espaços, serão colocadas paredes em MDF lacadas a Branco e Portas tipo “Jular, série snow”. Os armários quer na copa quer nas instalações sanitárias, são revestidos com MDF lacado a branco. A separar as instalações sanitárias, foram desenhadas três paredes de alvenaria, revestidas com lambrins em mármore Travertino.

Ainda no primeiro piso, encontramos duas escadas revestidas a madeira natural, do tipo, “Porcelanosa Wood Lovers Brown Lisbon” adaptando deste modo o material ao que se usava nas casas tipicamente Brasileiras.

Na chegada ao segundo piso e ao piso de rés-do-chão, os lambrins e os vãos bem decorados permanecem nos espaços comuns, no entanto, ao ingressarmos nos espaços reservados para as empresas, percebe-se que os desenhos dos seus ornamentos alteram de modo a que os espaços sejam o mais simples possível dando azo para que cada empresa adapte o espaço à sua funcionalidade. Posto isto, os lambrins que percorrem as paredes nos espaços comuns, nestas áreas de trabalho deixam de existir, e as padieiras e ombreiras são simplificadas.

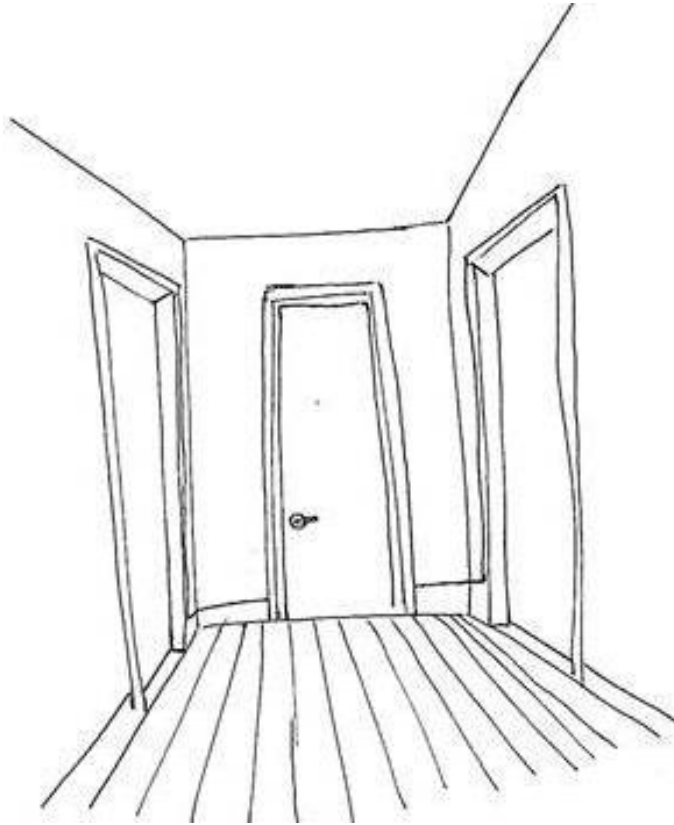


Figura 29. Desenho das Zonas de Trabalho do Palacete.

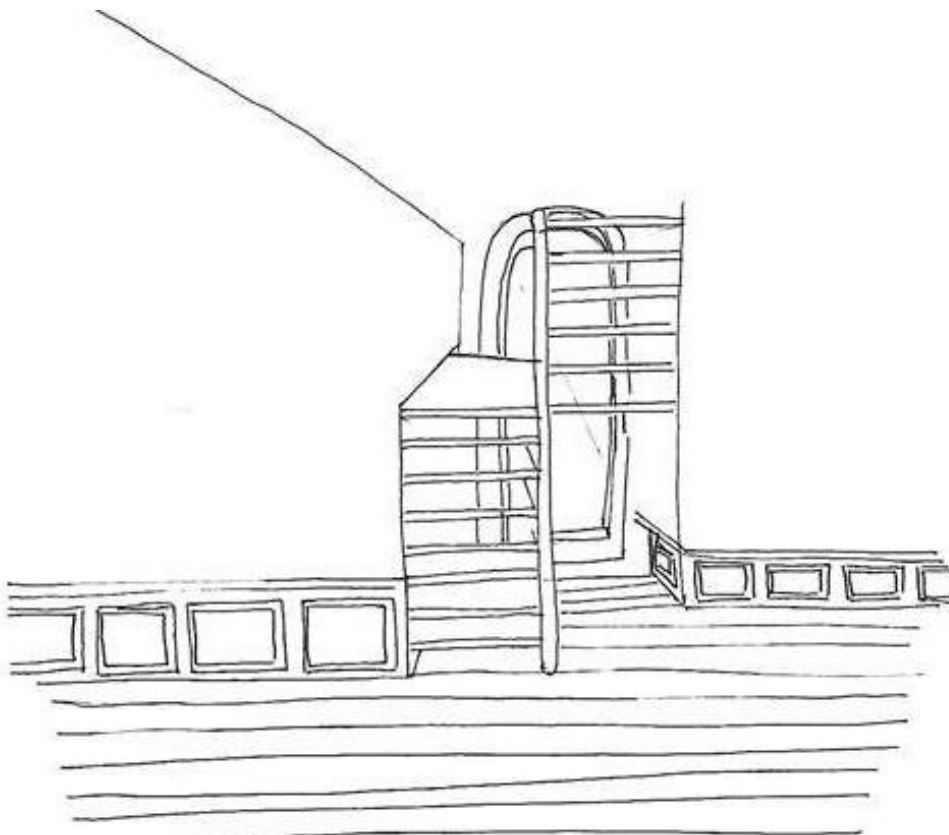


Figura 30. Desenho das Escadas Interiores.

No piso de rés-do-chão, a composição da sua laje é alterada, em virtude do contato direto com o solo. Este é composto por uma camada de madeira natural, do tipo, “Porcelanosa, Silk Wood Lovers, Brown, Lisbon, 240X140mm de espessura”, em seguida, uma camada de regularização com 5mm, aplicação de Isolamento Poliestireno Expandido-EPS com 8mm, seguida por uma tela impermeabilizante com 2mm, por uma laje de betão com 24mm, e por uma camada de gravilha com 22mm.

O teto deste piso segue o método de construção aplicado no primeiro piso. É revestido por placas tipo “Pladur”, com Lã de Rocha com 6mm de espessura sobre este.

Para finalizar a descrição material do Palacete, falta referir que a cobertura, será reconstruída a madeira, composta por linha, estribo, pendural, asna e perna, colocado sobre estes o Isolamento Expandido- EPS com 6mm de espessura, seguido por uma subtelha e culminando com telha Marselha tipo “Torrense Cerâmicas, de cor natural”.

A entrada do novo volume edificado, pode ser feita pelo vão principal a sul, ou pelo vão localizado a oeste. Ao chegar ao hall, originado pelo do recuo dos vãos em relação a fachada, percorre-se sobre o pavimento anti-derrapante tipo “Cascais Natural Classe 3, com 44x66cm” de cor cinzenta, o mesmo que reveste os varandins do Palacete. Este pavimento sobrepõe-se a uma camada regularizadora com 12mm, precedida por uma laje de betão com 25mm, por uma tela impermeabilizante de 2mm e por uma camada de gravilha com 22mm.

Todas as paredes nesta espécie de hall de entrada, apresentam a textura da estereotomia do betão armado.

A sua cobertura é igual em todo o volume, constituída por uma laje de betão armado com 16mm de espessura, em seguida por uma camada de gravilha, por uma tela impermeabilizante com 2mm, por uma camada de isolamento de Poliestireno Expandido-EPS com 8mm, por uma nova tela impermeabilizante com 2mm e culmina com uma camada de gravilha.

A entrada do edifício é feita através de uma porta batente tipo “PanoramAH! 26 Light”, assente numa laje revestida por pavimento em vinílico do tipo “Link Floor Rool, Porcelanosa, Contrat Zinc, com 200X1000X25mm”, precedida por uma camada de regularização composta por 5mm, piso radiante, uma camada de isolamento de Poliestireno Expandido-EPS com 8mm, uma laje de betão com 24mm, uma tela impermeabilizante com 2mm e por fim uma camada de gravilha com 22mm de espessura. O pavimento a implementar neste volume é igual em quase todos os pontos deste corpo, por forma a simplificar a sua linguagem.

No interior o teto é composto, por uma placa de gesso cartonado tipo “Pladur”, seguida por uma camada de Lã de Rocha com 6mm, o espaço que existe entre a Lã de Rocha e a laje de cobertura, servirá para a passagem dos AVAC. Posto isto o interior do espaço Coworking fica com 2,80m de pé direito.

As paredes exteriores do novo volume são constituídas por betão armado com 28mm de espessura que integra a estrutura do edifício, uma camada de isolamento expandido - EPS com 6mm, uma placa de gesso cartonado tipo “Pladur” e por estuque tradicional, pintado a cor Branco com Ral 9010.

As paredes interiores, são compostas por três camadas, duas em placas de gesso cartonado tipo “Pladur” e entre elas uma camada de Lã de Rocha com 6mm.

Ao entrarmos no novo volume, presenciamos o alçado interior, que é constituído por ripas de madeira lacadas a Maple, camuflando a programa do edifício e os diferentes materiais usados.

No espaço reservado ao público em geral, encontram-se dois compartimentos com revestimentos diferentes em relação ao restante edifício, as instalações sanitárias e a copa. Ao nível de materialidade as duas divisões são iguais ao revestimentos e ornamentos escolhidos para o Palacete, o pavimento, o lavatório, as torneiras, as sanitas e as suas divisórias serão os mesmos que são utilizados no volume preexistente.

Para concluir a descrição material do novo volume, importa referir que o auditório tem as suas paredes revestidas a madeira Maple, para melhores resultados em questões de reverberação do som.

Estes elementos permitem que haja uma conexão ainda mais forte entre o Palacete e o novo corpo edificado, e garantem a hierarquização dos espaços, respeitando a história do Palacete e introduzindo uma referência de modernidade que fará renascer um símbolo da cidade de Espinho e um marco da História de Portugal.

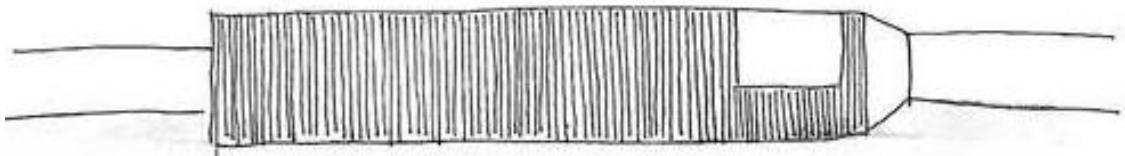


Figura 31. Alçado Interior do Volume a Construir.

Considerações Finais

“Vão-se os olhos naquilo! Esta maravilha arquitetónica devem-na as artes ao gosto e génio pintoresco de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as cores que lá viu de memória e todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de trolha

São muitas a marcas que persistem e as memórias de um passado, que definem a Arquitetura Colonial Brasileira em Portugal, procurando guardar na nossa memória, os dias de glória, destas nobres construções

A manutenção do património edificado foi um dos principais motivos para a conceção do projeto apresentado na presente dissertação. Todos os elementos estruturais, características dos volumes e identidade foram conservados no espaço construído e um novo volume foi desenhado para responder às necessidades do programa.

A essência da proposta de projeto apresenta-se como uma revitalização do objeto arquitetónico deixado ao abandono, em que a intenção foi conservar o conjunto de características socioculturais e arquitetónicas que caracterizam o lugar, o ambiente e a cidade. A proposta procura apresentar coerência de escala e linguagem arquitetónica entre as preexistências e o novo volume construído.

A dissertação concentra-se em estabelecer uma relação direta entre forma, utilidade e função. Este projeto é orientado como uma possibilidade com a essência de projetar a cidade de Espinho como um centro empreendedor, capaz de se adaptar às necessidades evolutivas da comunidade envolvente. Este projeto pretende criar pontes entre o percurso académico e a atividade profissional, permitindo a difusão e promoção de conceitos inovadores e novas formas de trabalho.

O conjunto arquitetónico pretende integra-se no meio urbano envolvente, com estratégias para catalisar a sociedade empreendedora, tornando a cidade num centro de desenvolvimento de novas empresas e espaços criativos.

É importante concluir que a proposta de reabilitação e ampliação do Palacete Rosa Pena, foi desenhada com especial cuidado para que este edifício imponente e sumptuoso, seja uma referência para a cidade de Espinho, não por se tratar de um objeto devoluto, mas por ser um elemento empreendedor, revitalizador, e um centro de oportunidades para a cidade.

¹⁴Castelo Branco, Camilo (1996) O senhor do Paço de Ninães, Parceria A. M. Pereira, p.22-24.



Figura 32. Palacete Rosa Pena.

Bibliografia

Oliveira, Ernesto Veiga & Galhano, Fernando (1986) Casas Esguias do Porto e Sobrados do Brasil, Recife: Pool Editores, p.28.

Camões, Luís (1572) Os lusíadas, 2ª Edição, Porto: Porto Editora Lda., p.53.

Monteiro, Miguel (2000) Marcas da Arquitetura do Brasileiro na Paisagem do Minho, P.11.

Gonçalves, Carlo & Quaresma, José (2013) Out Of Office, 1ª Edição, Porto: Vida Económica - Editorial.SA., p.103.

Castelo Branco, Camilo, Eusébio Macário, 7ª edição, Porto: Liv. Chardon, s/d, p.50.

Mendes Ribeiro, João (2010) Acções Patrimoniais Arq./a: revista de arquitetura e arte. (julho/agosto). Acções patrimoniais nº83. Lisboa: FuturMagazine Sociedade Editio Lda, p.24-39.

Milano, Maria & Cremascoli, Roberto (2017) Eduardo Souto Moura- A Casa de Quem faz Casas, Cardume Editores, p.38.

Castelo Branco, Camilo (1996) O senhor do Paço de Ninães, Parceria A. M. Pereira, p.22-24.

Silva, G (2014) *Portugal em Ruínas*, 1ª edição.

Vieira, Siza, (2009) 01 Textos, Livraria Civilização Editora.

WebGrafia

Ferreira, José, Temas e Factos, Descobrimientos do Brasil, disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1112>, consultado em 11 de setembro de 2017.

Arquitetura Colonial (1530-1820), disponível em <https://arqbrasil10.wordpress.com/arquitetura-colonial/>, consultado em 11 de Setembro de 2015.

Spaces, Avila, Um Cowork Preminun no Centro de Lisboa, disponível em <https://avilaspaces.com/pt/gca/index.php?id=16>, consultado em 15 de setembro de 2017.

Facts Coworking (2012) Coworking o que é?, disponível em <http://factscoworking.com/>, consultado em 15 de setembro de 2017.

Fábrica de Startups (2015) O que uma incubadora pode dar à tua Startup, disponível em <http://www.fabricadestartups.com/blog/10/2015/o-que-uma-incubadora-pode-dar-tua-startup>, consultado em 15 de setembro de 2017.

Microsoft (2016) Incubadoras de empresas Startup-não são as quatro paredes que contam, disponível em <http://observador.pt/2016/05/17/incubadoras-startups-nao-sao-as-quatro-paredes-contam/>, consultado em 16 de setembro de 2017.

Sousa, Rainer, Os Primeiros Anos do Brasil, disponível em <http://escolakids.uol.com.br/os-primeiros-anos-do-brasil.htm>, consultado em 11 de setembro de 2017.

Queres, Diogo (2015) Atividade económica no Brasil Colonial, disponível em <https://www.historiafacil.com.br/artigos/historia-do-brasil/atividades-economicas-no-brasil-colonial/>, consultado em 11 de setembro de 2017.

Feitosa, Maria, Internacionalização da Arquitetura Portuguesa no Brasil, disponível em <https://boletimarquitectos.wordpress.com/2013/01/17/internacionalizacao-da-arquitetura-portuguesa-no-brasil/>, consultado em 12 de setembro de 2017.

Boniatt, Renan, Arquitetura Colonial, disponível em <https://arqnobrasil.wordpress.com/arquitetura-colonial1/>, consultado em 12 de setembro de 2017.

Silva, Gastão (2011) O “Palacete do Pena” - Espinho, disponível em <http://ruinarte.blogspot.pt/2011/09/o-palacete-rosa-pena-espinho.html>, consultado em 16 de setembro de 2017.